

# Editorial

## O desafio da crise ética

O PROBLEMA DA CRISE ÉTICA deve ser nomeado filosoficamente como o problema do niilismo. Essa experiência remonta às origens do pensamento ocidental e teve sua expressão acabada na filosofia e na literatura dos séculos XIX e XX. Trata-se de uma crise de metas, de valores e de sentido vivida também nos dias atuais, embora seja uma característica de todos os tempos. O niilismo pode ser vivido como a superação dessa crise, mas sobretudo como a condição que gera, sustenta e interpreta a própria crise. Essa situação nos reporta à unidade metafísico-moral-religiosa do problema. A situação do ser humano na construção de si e do mundo tem que ver-se, nessa tarefa, com um material de difícil compreensão e manuseio. Esse material mundano é propriamente constituído pelo que não se deixa prender ou apreender em algum conceito ou idealização. Animada pelo devir, a vida se faz de contradições, desencontros e processos sem fim de constante metamorfose de si mesma. Que outra seria a verdade da vida? Assim, falando propriamente da condição que gera essa compreensão da crise, poderíamos identificar o desejo de não mais viver crise alguma, a negação do caráter constitutivo do que existe, a perspectiva que nos leva a tematizar a chamada crise ética. Essa atitude tentou, originariamente, descobrir no mundo o que não estivesse marcado pelo selo da transitoriedade. Ao não encontrá-lo, cuidou-se de inventá-lo. Desde então, vivemos às voltas com a manutenção dessa invenção, desse sonho do encontro e da descoberta da ordem eterna e imutável. Todos os desdobramentos e dificuldades na sustentação desse ideal-ídolo marcam o elemento crítico da propalada crise ética. Construir um mundo que faça sentido foi uma tarefa que o homem enfrentou, mascarando a verdade sobre o mundo e sobre a vida – esse é o elemento oculto da tentativa de reconstrução da unidade, que parece estar na base dos discursos sobre a ética em nossos dias.

Quando investigamos a crise de valores e de sentido, de forma mais comum identificamos essa realidade com a crise ética. Contudo, os discursos sobre ética têm sido apresentados como uma panacéia. Vivemos uma *eticose*. De líderes políticos a líderes religiosos, da academia aos vendedores do mercado, a expressão redentora, embora docemente desconhecida, é o “resgate da ética”. A *eticose* nos

leva a crer que existirá em qualquer momento, a partir de certas condições idealizadas, o reencontro com a unidade primordial ou com uma proto-realidade que faz existir um mundo impossível, embora desejado. Essa realidade está se consolidando de tal maneira que um curso de ética, por exemplo, tem de se construir, na maior parte do tempo, como a desconstrução da compreensão geral, meio culta, meio senso comum, da questão ética.

O que afinal de contas seja a ética não é o objeto desta reflexão. É preciso remeter-se à larga tradição filosófica para apreender as variações possíveis da questão. Interessa-nos, contudo, expressar uma intuição do comportamento que se desespera com a crise e busca como alternativa uma nova e (im)possível solução mágica para o problema da vida, desconsiderando os modos próprios de seu ser-devir. É preciso perguntar-se sobre o significado dessa crise e o que ela sinaliza. Em todo caso, é necessário compreender que se trata de um processo, de um contínuo aprimoramento e ultrapassagem das atuais condições humanas e sociais. Não se trata de acolher como normais as mazelas humanas e intransponíveis, os desafios da vida. Muito ao contrário, abandonar o desejo de encontrar um ético em si, como se se tratasse de um conteúdo, posto que não é, remete às condições de pensar a vida a partir de sua verdade.

A crise nos diz que algo falta, ou melhor, que falta a meta. Ao investigar a questão a partir de uma filosofia crítica ao mundo produzido pelo platonismo cristão, compreendemos que a crise que aparece com o nome de niilismo é um processo muito antigo. Provavelmente, a atitude ascética de negação da verdade da vida seja mesmo anterior à elaboração filosófica dos gregos. Contudo, a filosofia posterior ao período trágico não soube enfrentar tal verdade, evitando o problema e colocando-o como impossível. Ao evitar o problema da verdade da vida, tal interpretação da vida, assumida como verdade, pregou que o problema do niilismo, da crise, da carência, da falta deve ser evitado. Ou melhor, contrariamente, assumido como caráter negativo do mundo e da vida. Buscando no além supra-humano a resposta para os problemas da vida, criou-se um mundo verdadeiro em si. Religiosidade “platônica”? Filosofia “cristã”? Pois bem, a invenção dos transmundos é a armadilha em que estamos metidos desde então. Preferimos pensar os universos ideais de um além impossível a encarar as contradições e condições reais da vida, o lugar próprio em que as superações devem acontecer como criação processual e contínua. O problema da crise ética não é tanto o de uma crise de valores, mas sobretudo o pensar a partir de valores ultramundanos e sobre-humanos. Nada conseguimos de superação, porque desejamos criar na terra o paraíso e o humano como um ser divino (perfeito).

A conversão do cristianismo ao império, seguida de muitas outras mudanças, significa muito mais do que uma adequação a um modelo político de governança religiosa do mundo, pois representa a adesão à ideológica armadilha montada para configurar a fuga do mundo para melhor viver no mundo. Essa armadilha não

foi montada por gregos ou cristãos, como Platão ou Aristóteles, Paulo ou certo discurso teológico-filosófico, mas por muitos que talvez não os tenham compreendido e ensinaram o engano da fuga do mundo. Alguns aprenderam, outros lutam até hoje, resistindo à tentação de resolver os problemas do mundo fugindo dele.

Se a história se construiu de tal maneira que os valores foram ensinados como mentiras, os valores estão vazios. Os valores que aprendemos seriam ídolos. Nesse sentido, no lugar de pensar a crise ética como a crise de valores, deveríamos tematizá-la como a crise que deve superar a própria crise e produzir novos valores para um novo tempo. Trata-se de pensar o crepúsculo dos deuses, numa expressão que a filosofia, em distintos autores, consolidou como “morte de Deus”. É preciso ler com muita atenção esse tema difícil da filosofia, talvez o mais difícil, para entender a crise ética de nosso tempo. Nessa palavra difícil se encontram o segredo e o diagnóstico daquilo que estávamos buscando há muito tempo e que se identifica com o nada, posto que foi buscado como negação do mundo. E sendo nada, tudo aquilo que sobre ele estava edificado: a nossa moral, a nossa religião, a nossa ciência, a nossa filosofia não têm mais sentido. Se for assim, se for essa a verdade, estamos diante da tarefa de reconstruir todo o edifício filosófico, científico, teológico e religioso. Estamos diante da crise propriamente dita, mas a crise como uma tarefa, não como maldição.

Por crise ética entendemos, portanto, a ruína de todos os valores construídos sob uma ilusão humana. Qual seria então a nossa tarefa? A tarefa está em reconquistar o apetite pela vida e o amor pelo mundo. Um apetite que reconhece o contraditório e o ama. Um apetite que não se perde diante dessa verdade da vida nem se desespera diante das difíceis tarefas de construir o mundo e o ser humano, igualmente feitos da mesma matéria. O apetite pela vida é a resposta que temos como uma das possibilidades de enfrentamento da crise ética de nossos dias. Esse apetite se traduz como apetite pelo mundo, não obstante suas dificuldades e contradições. Um apetite pelo inaudito, pelo caótico, pelo sombrio e luminoso. Um apetite trágico, um amor capaz de amar um talvez perigoso. Um amor novo, amor divino pelo que é da vida. O sagrado amor laico ama o mundo e a vida com radicalidade. Se aprendemos que o mundo vale pouco ou quase nada, por que deveríamos respeitá-lo? Se o mundo que vale é outro, por que ter respeito ao próximo, honrar os compromissos e respeitar os limites da terra? Entendemos mal o transitório e o passageiro da vida. A crença no capítulo seguinte e a idéia de uma verdade-fantasma acabaram por liberar a carnificina humana, social e ecológica.

É a partir desse lugar que o discurso ético será eficaz, não como a implantação de um mundo estranho e idealizado, mas como reflexão e criação das possibilidades de ser no mundo e de fazer-se a partir dele. Se ética continuar sendo a palavra usada por nós para recuperar o bem escondido no além, nada temos a fazer. Estaremos brincando de nada. Estaremos fazendo de conta que queremos a tal da ética. Talvez apenas queiramos o paraíso de preguiçosos.

Contra a retórica vazia, o compromisso e as atitudes. O desafio ético nos dias atuais tem a ver com nosso compromisso com a vida e com o mundo. Um compromisso que, desde cedo, ao longo de nossa tradição, tem-se evitado. Essa crise se mostra como falta de meta, falta de sentido, falta de valor, sim. Mas a meta, o sentido e o valor residem no mundo, é feito carne, habita em nós.

*Flávio Senra*

Doutor em Filosofia, coordenador  
do PPGCR – PUC Minas  
Contato: [flaviosenra@pucminas.br](mailto:flaviosenra@pucminas.br)